Apêndice B

Trajетórias dos principais agentes estudados

Alexandre Grangeiro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GRANGEIRO, A. Apêndice B - Trajetórias dos principais agentes estudados. In: BARROS, S.G. *Política Nacional de Aids: construção da resposta governamental à epidemia HIV/aids no Brasil* [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 247-310. ISBN 978-85-232-2030-3.
<https://doi.org/10.7476/9788523220303.0010>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APÊNDICE B

Trajetórias dos principais agentes estudados

Alexandre Grangeiro

Nasceu em Bragança Paulista, São Paulo. Seu pai era dono de um expresso rodoviário, que tinha uma das sedes na cidade onde nasceu. A mãe não trabalhava, acompanhava o pai, “como uma boa esposa”. O avô paterno também era comerciante na região. A família não tinha prática religiosa, mas acreditava em Deus. Ainda no colégio, se envolveu no movimento estudantil, que, na sua opinião, “era uma desculpa para se ter um ativismo político”.¹²⁸ Participou da Convergência Socialista, se envolveu na formação do PT e depois se distanciou. Alexandre cursou o ensino médio em escola pública e, em 1987, iniciou o curso de Ciências Sociais na PUC-SP. Diz que não sabe explicar por que escolheu fazer Sociologia, relata que ficava entre o tentar entender o indivíduo e tentar entender o coletivo. Seu envolvimento com a área da saúde começou praticamente ao mesmo tempo que o curso de graduação, atuando como estagiário em um projeto de cooperação para os 60 anos da hanseníase no Brasil, na Grande São Paulo, que resgatava o arquivo histórico sobre hanseníase do Instituto de Saúde de São Paulo. Permaneceu como estagiário na Divisão de Hansenologia e Dermatologia Sanitária (DHDS) do Instituto de Saúde. Com a epidemia da aids, Alexandre foi para o Disque aids, tendo a função de atender às chamadas telefônicas e dar orientação. Inicialmente eram apenas dois turnos, mas à medida que a demanda do serviço se ampliou, sua carga horária dedicada ao Disque aids também foi aumentando. Quando José Aristodemo Pinotti assumiu a SES-SP, Alexandre foi, seguindo Paulo

¹²⁸ Declaração obtida em entrevista concedida à autora.

Roberto Teixeira, que foi destituído do cargo de Diretor da DHDS, para a Vigilância Epidemiológica na SES-SP. Retornou ao Programa de Aids quando Mário Covas assumiu o governo de São Paulo e Paulo Roberto Teixeira voltou a coordenar o CRT de DST/Aids, ficando na prevenção e, mais tarde, na direção adjunta. Foi para o Programa Nacional a convite de Pedro Chequer, quando este era coordenador. Lá, iria trabalhar na Vigilância Epidemiológica, mas terminou indo para a área de planejamento e avaliação, o que considerou mais interessante por trabalhar com estados e municípios, chegando a assumir a direção do setor. Quando Paulo Teixeira assumiu o Programa Nacional, em 2000, Alexandre ficou como seu adjunto. Entre março de 2003 e agosto de 2004, Alexandre foi o diretor do Programa Nacional. Retornou para São Paulo, onde permaneceu como assessor entre 2005 e 2007, quando assumiu a direção do Instituto de Saúde. Após sua saída, permaneceu como pesquisador no Departamento de Medicina Preventiva da USP. Alexandre se sente copartícipe da resposta à epidemia da aids no Brasil.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

FRANÇA, M. S. J. *Ciência em tempos de aids: uma análise da resposta pioneira de São Paulo à epidemia*. 2008. 195 f. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

GRANGEIRO, A. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4780367P1>>. Acesso em: 18 maio 2011.

Nasceu em Niterói, Rio de Janeiro. Sua mãe era professora do Estado na década de 1960. Seu pai era funcionário concursado do Banco do Brasil, formou-se em Direito, mas só começou a exercer a profissão de advogado quando se aposentou do banco. À época da pesquisa, seu pai, aos 76 anos, exercia a advocacia. O avô paterno era chefe da oficina mecânica do IBGE e o materno, um pequeno comerciante, proprietário de um armazém que comercializava tecidos e produtos alimentícios. De família católica, Ana considera como única atividade política que teve a sua participação no movimento franciscano, que frequentou dos 14 aos 17 anos. Sempre votou no PT. Não gostava do PC do B, que considerava uma “turma irresponsável, faziam uma boa política, mas não eram bons alunos”.¹²⁹ Sempre admirou as pessoas com bom desenvolvimento acadêmico, a meritocracia. Kursou o ensino médio no Colégio 2 de Julho, em Salvador. E, em virtude da sua formação cristã, ainda que hoje se declare não católica, a escolha da profissão foi pautada na vontade de querer mudar o mundo sendo médica. Fez Medicina na UFBA, entre 1980-1985, em seguida, fez residência em Medicina Social (1986-1987) na mesma instituição. Sua busca por uma disciplina de excelência, na Faculdade de Medicina da UFBA, a aproximou da Saúde Coletiva, pois os departamentos de excelência eram a imunologia, a patologia, vinculadas à Fiocruz, e a Medicina Preventiva. A decisão veio quando kursou a Disciplina de Saúde Pública e Medidas de Profilaxia, no sexto ano da graduação, pela “possibilidade de correlacionar as condições de vida e saúde com aspectos do contexto político, econômico e social”.¹²⁹ Chegou a trabalhar como médica clínica durante um período muito curto – cerca de dois meses –, mas “levava muito tempo conversando com pacientes e não pedia exames”.¹²⁹ Fez concurso para Médico

¹²⁹ Declaração obtida em entrevista concedida à autora.

Sanitarista na Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (SESAB), permanecendo de 1989 a 1992 nessa função, quando fez concurso para médica. Entre 1993 e 1996, foi também assessora técnica da Secretaria Municipal de Saúde de Salvador. Sua relação com a aids se deu quando participou da elaboração do Plano trienal de combate à DST/Aids (1993-1995) do estado da Bahia, indicada pela Diretora da Assessoria de Planejamento, onde era lotada, atuando junto a técnicos do Ministério da Saúde na elaboração do POA relativo ao 1º acordo de empréstimo do banco Mundial, o AIDS I. Continuou no quadro da Secretaria, mas cedida ao Instituto de Saúde Coletiva da UFBA como docente da Residência Multiprofissional em Medicina Social no período de 1997 até 2009. Foi docente do curso de Medicina da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) no período de 2006 a 2009. Desde 2009, quando foi aprovada em concurso público, é professora adjunto do ISC/UFBA. Ana Luiza não continuou trabalhando na área de HIV/aids, acha que cumpriu a sua obrigação, o seu dever profissional, mas que “não teria vontade de trabalhar com uma política mais específica”¹²⁹ na sua vida profissional.

Referências

- BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- VILASBÔAS, A. L. Q. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4787176H6>>. Acesso em: 18 maio 2011.

Nasceu em 10 de dezembro de 1947. Sua mãe trabalhava na Maternidade Pro Mater Paulista, mas desde seus oito anos a mesma estava em auxílio doença. Seu pai faleceu quando ainda tinha dois meses de idade. O avô paterno era mascate e o materno fabricante de vinho. Conviveu com diversas tradições religiosas: evangélica, católica, com as diversas religiões afro-brasileiras. Gostava da igreja católica, mas se sentia mais próxima do centro espírita que frequenta. Fez o ensino médio no Liceu Eduardo Prado, um colégio particular, de freiras, onde era bolsista. Queria fazer medicina, mas terminou se formando em Direito na PUC-SP. Durante a faculdade, trabalhava com venda direta (Avon, Christian Gray) ou fazendo cestas de Natal. Refere que como entrou na faculdade já no período do AI-5, não se envolveu no movimento estudantil. Formada, trabalhou em um escritório de advocacia até 1972, quando montou seu escritório próprio com um colega, mas desde a década de 1990 começou a trabalhar sozinha. É filiada ao PPS, mas votou em Lula e Erundina. Considera que não é possível conciliar o Gapa com militância política. Foi como advogada da assistente social do Hospital Emílio Ribas, Otilia Simões Janeiro Gonçalves, que casualmente participou da reunião inicial de formação do Gapa. Otilia estava precisando de orientações profissionais de Áurea, e como teria uma reunião, agendou com a advogada no próprio hospital. Quando chegou ao hospital, estava havendo uma reunião sobre aids. Ela participou, mas fora do círculo formado pelos participantes, pois havia chegado depois. As pessoas estavam desesperadas. No final da reunião passaram uma lista para saber dos presentes quem poderia ajudar, em que horário etc. Quando lhe entregaram a lista, pediu desculpas e disse que estava “fora da rodinha” e foi questionada se não poderia ajudar. As reuniões seriam realizadas nos sábados às 15h, horário em que ela podia. Áurea tornou-se fundadora do Gapa, criou o primeiro serviço de apoio

jurídico a portadores do vírus, participou da elaboração do primeiro cartaz de prevenção à aids produzido no Brasil “Transe numa boa”, redigiu o documento que deu origem à Lei 7.670, de 1989, que libera o FGTS e o PIS/Pasep para portadores do vírus, foi coordenadora do Projeto Previna do Ministério da Saúde (1989), foi advogada da primeira reclamação trabalhista no Brasil que reintegrou um portador de HIV/aids ao trabalho, da primeira medida cautelar contra convênio médico, obrigando a prestar assistência ambulatorial e hospitalar ao portador de HIV/aids e a propor ação contra o Estado para obtenção da terapia combinada para portador de HIV/aids. Atualmente é presidente do Gapa-SP, sente-se realizada em termos pois diz que cada dia faltam mais coisas e que faltam novas lideranças.

Referências

ABBADÉ, Á. C. da S.; BAIÃO, F. (Org.). *100 nomes que fizeram a história da luta contra a aids no Brasil*. São Paulo: GAPA BR SP, 2010. p. 19.

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

Nasceu em 3 de maio de 1945, em Salvador, Bahia. Seu pai era professor e mantinha um pensionato para jovens de outras cidades que iam estudar em Salvador no Colégio Sofia Costa Pinto. Sua mãe era dona de casa. Cursou o ensino médio no Colégio Central (público). Resolveu fazer medicina porque sempre quis pesquisar e resolver os problemas das pessoas. Fez teste vocacional e o resultado apontava medicina e administração. Foi membro do Partido Comunista. Cursou medicina entre 1964-1969 na UFBA. Fez Residência (1970-1971) e mestrado (1971-1974) em Anatomia Patológica na mesma instituição. Fez o doutorado em Imunologia na Universidade de Genebra, Suíça, sob orientação de Paul Henri Lambert. No mestrado e doutorado Galvão trabalhou com Tripanossomose africana. Quando retornou ao Brasil, foi trabalhar na Fiocruz no Rio de Janeiro, pois a instituição ainda não tinha um centro de pesquisa na Bahia. Conseguiu um *grant* junto à OMS para a implantação de um laboratório de doenças infecciosas e parasitárias, que se tornou mais tarde o Departamento de Imunologia do Instituto Oswaldo Cruz. Em 1982, mobilizado pelo contato com um jovem portador da doença e considerando a possibilidade de disseminação da aids no país devido a suas características – transmitida pelo sexo, pelo sangue – e a missão da Fiocruz de responder questões de saúde pública, iniciou, com Claudio Ribeiro, os trabalhos sobre aids na Fiocruz. Adaptou a técnica da imunofluorescência usada para Chagas para identificação do anticorpo para HIV, que possibilitou a implantação das triagens nos bancos de sangue do país. Coordenou a equipe que isolou pela primeira vez o HIV no Brasil, em 1987. Implantou o primeiro laboratório P3 do Brasil (Laboratório Avançado de Saúde Pública), no Centro de Pesquisas Gonçalo Muniz/Fiocruz, em Salvador. É pesquisador da Fiocruz desde 1979 e bolsista de produtividade 1B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

(CNPq), tendo parte de sua carga horária cedida à Fundação Bahiana para o Desenvolvimento da Ciência (FBDC), através de convênio. Membro da Academia Baiana de Medicina (2002), Membro da American Association for the Advancement of Science (2000). Consultor *Ad hoc* do CNPq (1979), coordenador de diversos projetos de pesquisa junto ao CNPq e ao Programa Nacional de DST/Aids, consultor da OMS (1983). Revisor do periódico *Memórias da Fundação Oswaldo Cruz* desde 1981, integrando seu corpo editorial a partir de 1988. É também revisor de diversos periódicos nacionais e internacionais como *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* (2005), *Journal of Medical Virology* (2008), *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo* (2009), *Journal of Clinical Virology* (2009), *The Brazilian Journal of Infectious Diseases* (2009), *BMC Public Health* (2009), *Human Immunology* (2010), *Journal of Virological Methods* (2010) e *Revista Panamericana de Salud Pública* (2010) e a partir de 2008, passou a compor o corpo editorial da *Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria*. Recebeu o Prêmio Etienne Gorjux, da Faculdade de Medicina da Universidade de Genebra, Suíça (1977), VI Prêmio Hélio Gelli Pereira da Sociedade Brasileira de Virologia (2002), a medalha Tomé de Souza, da Câmara Municipal de Salvador (2002), entre outros. Foi eleito membro do Conselho de Sociedade Internacional de Sida/Aids para os biênios 1988-1990 e 1990-1992 e do Conselho da Sociedade Internacional de Retrovirologia em 1995. Mais de 150 artigos publicados.

Referências

- ABBADE, Á. C. da S.; BAIÃO, F. (Org.). *100 nomes que fizeram a história da luta contra a aids no Brasil*. São Paulo: GAPABR SP, 2010. p. 23.
- BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- CASTRO FILHO, B. G. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783667A8>>. Acesso em: 17 maio 2011.

GARCIA, M. A evolução do estudo da aids, por um de seus codescobridores. *Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, 25 maio 2011. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1174&sid=32>>. Acesso em: 17 nov. 2011.

MOURA, M. Bernardo Galvão: a batalha contra a aids e outras lutas. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, v. 118, p. 10-15, dez. 2005.

Nasceu em São João do Meriti, no Rio de Janeiro. A família, natural do Rio Grande do Norte, foi morar em São João do Meriti porque o pai, militar da Marinha, havia sido transferido. Sua mãe era dona de casa. A família sempre quis retornar para Natal, o que aconteceu em 1983, quando iniciou o curso de Ciências Sociais na UFRN, pois queria “entender porque algumas coisas aconteciam”.¹³⁰ No segundo grau, havia feito curso técnico em contabilidade e durante os dois primeiros anos da faculdade trabalhou nas lojas Americanas, de onde saiu já como supervisora de vendas para ser bolsista de iniciação científica, em um projeto que visava organizar uma proposta de conteúdo para o ensino de ciência de 1ª a 4ª series do primeiro grau, o que foi reprovado pela família, mas para ela significava um investimento na profissão. cursou uma disciplina de gênero e pela primeira vez se aproximou do universo da homossexualidade quando decidiu trabalhar com prostituição como tema do trabalho da disciplina e foi orientada por um amigo a realizar a pesquisa em um bar gay frequentado por mulheres e onde havia comércio sexual. Nesse período, acompanhou a formação do PT, participou do movimento pelas diretas já e participou de uma chapa que foi eleita para o Diretório Acadêmico, mas não chegou a assumir porque, em 1986, mudou-se para o Rio de Janeiro outra vez, onde concluiu o curso na UFRJ. No Rio conseguiu uma bolsa de apoio técnico, ficando vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (Nepi). Participou da campanha de Fernando Gabeira para governador do Rio. Ao final da graduação, resolveu seguir a vida acadêmica e em 1989 inscreveu-se no mestrado na própria UFRJ, quando também foi selecionada como docente para a disciplina de Sociologia do curso de jornalismo da Faculdade da Cidade. Na dissertação de mestrado procurou reu-

130 Declaração obtida em entrevista concedida à autora.

nir sexualidade e política através do caso do grupo gay carioca Triângulo Rosa. Foi quando se aproximou do tema da aids. Entre 1989 e 1990, trabalhou em uma das primeiras pesquisas sobre aids no IMS, coordenada por Maria Andreia Loyola. A partir de 1991, começou a se aproximar do Grupo Pela Vidda, tendo aceito um convite para trabalhar no grupo em 1992. Com o doutorado, se afastou da direção do grupo em 1995, mantendo uma participação mais pontual. O doutorado também foi cursado na UFRJ (1995-1999), tendo como tema “Ativismo, ajuda mútua e assistência: a atuação das organizações não governamentais na luta contra a aids”. Tem atuado como docente em diversas instituições particulares, sendo o principal vínculo com a Universidade Estácio de Sá, onde ficou entre 1993-2000. Em 2001, assumiu a Chefia da Unidade de Articulação com ONGs do Programa Nacional de DST/Aids, onde permaneceu até 2003. Saiu do programa para trabalhar como consultora, tendo trabalhado para diversas organizações internacionais na área de aids – Save the Children, Grã-Bretanha; Pact, EUA; PNUD, Angola; Interchurch Coordination Committee, Holanda; Gesellschaft fur Technische Zusammenarbeit, Alemanha; Schorer, Holanda – e mais recentemente na área de câncer de mama – American Cancer Society, EUA. Não considera que possa retornar à militância depois de ter assumido uma função no Programa Nacional.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CÂMARA, C. *Uma trajetória individual e vários percursos*. São Paulo: USP, Faculdade de Saúde Pública, 2009. Memorial.

SILVA, C. L. C. da. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011.
Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0335905033138788>>. Acesso em: 3 maio 2011.

Natural de Caratinga, Minas Gerais, seu pai era comerciante e sua mãe dona de casa. Seu avô materno era médico. Coursou o ensino médio na sua cidade natal até o segundo ano científico, concluindo essa etapa na capital do estado, Belo Horizonte. Formou-se em Medicina pela UFRJ, onde também cursou Residência Médica em Terapia Intensiva. Eduardo Côrtes refere que se sentia atraído pela profissão, assim como outras. Diz que não consegue apontar um motivo específico para a escolha da medicina. Em 1977, ingressou como médico e docente da UFRJ. Em 1983, optou por fazer mestrado em oncologia na Universidade da Califórnia (UCLA), um dos principais centros de estudo sobre aids, na época, quando estudou as neoplasias da aids. Teve a oportunidade de conhecer, na UCLA, os pesquisadores americanos que primeiro descreveram a aids. Permaneceu ainda um período como *Faculty Junior* (professor júnior) na UCLA. Côrtes refere que voltou para o Brasil porque sentiu “que alguém precisava mostrar os dados do Brasil de que a epidemia era um problema muito sério e que o governo estava negando”.¹³¹ Côrtes sempre participou de grêmio na época do colégio, foi residente chefe e representante de docentes na associação de docentes na universidade, mas nunca filiou-se a partido político. Considera-se democrático e refere que sua atuação política sempre esteve relacionada à questão científica. Realizou estudo que identificou a introdução do HIV-2 no Brasil. Durante a realização do estudo, teve apoio do jornalista Tim Lopes, que contribuiu para a divulgação da pesquisa, dando visibilidade ao seu trabalho. Em 1990, no governo Collor de Melo, foi convidado pelo Secretário Nacional de Assistência à Saúde, Ricardo Ackel para assumir a Divisão Nacional de Aids. Sua indicação não foi política, segundo Côrtes, ele foi convidado como um técnico respeitado na época,

131 Declaração obtida em entrevista concedida à autora.

cargo que permaneceu até fevereiro de 1992. Côrtes não permaneceu no espaço aids. Após a saída da gestão do Programa Nacional, Côrtes tentou continuar na área, mas se sentia boicotado pelos agentes dominantes do espaço aids, de modo que como é oncologista de formação foi mudando aos poucos a sua linha de pesquisa. Em 2006 concluiu o doutorado em Cirurgia Geral na UFRJ, com a tese Impacto da superexpressão do onco-gen HER-2/neu e de outros marcadores clínico-patológicos na sobrevida da mulher com carcinoma de mama, tendo como orientador o Professor Gutemberg Leão Almeida Filho. No final de 2013, foi empossado diretor do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (UFRJ).

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CORTES, E. J. B. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2009. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3723963692468488>>. Acesso em: 18 maio 2011.

Nasceu em 1961, em Chavantes, São Paulo. Sua família materna veio do Líbano para o Brasil, onde conquistaram um bom padrão de vida, tornando-se uma família conhecida e tradicional na cidade. Seu pai, filho de trabalhador rural, teve uma loja, mas não era bom administrador na visão de Eduardo. Elegeu-se vereador e depois assumiu a função de assessor na prefeitura da sua cidade na gestão de diferentes prefeitos, sempre ligado à Arena (Aliança Renovadora Nacional). Sua mãe era dona de casa. Eduardo cursou o ensino médio em uma escola pública no município de Chavantes. Com intenção de se tornar religioso, foi para um seminário católico, ao mesmo tempo em que cursava filosofia na UNESP, em Marília, São Paulo. Cursou três anos do seminário, não chegando a concluir a formação em teologia. Teve atuação em grêmios estudantis e no movimento eclesial de base, o que considera que o motivou para a atuação na área social. Formado em Filosofia, foi para a capital do estado, São Paulo, onde, em 1986, tornou-se professor da rede estadual de ensino, onde, desde aquela época, realizava um trabalho educativo junto aos alunos abordando aspectos da epidemia, formas de prevenção da aids e questões de sexualidade. Apesar disso, não modificou as suas práticas sexuais, acreditando que as características pessoais de seus parceiros (homens e mulheres) não o colocavam em risco. Em 1994, teve diagnóstico positivo para o HIV, e passou a integrar o Grupo de Incentivo à Vida (GIV), no qual, junto com outros soropositivos, aprendeu que era possível ter qualidade de vida apesar da soropositividade e a lutar pela sua vida e a apoiar outras pessoas a superarem as barreiras que o HIV impõe. Foi presidente do GIV e atuou também na Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/aids (RNP+). Em 2001 foi eleito presidente do Fórum Estadual de ONGs/Aids de São Paulo. Como desdobramento dessa atuação, em agosto de 2004 foi convidado a trabalhar no Programa Nacional de DST e Aids do Ministério

da Saúde, onde foi responsável adjunto da Unidade de Articulação com a Sociedade Civil e Direitos Humanos, passando à responsável pelo setor em 2006. Em maio de 2011, Eduardo Barbosa assumiu o cargo de diretor adjunto do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

NAÇÕES UNIDAS. Escritório contra Drogas e Crime. *Eduardo Luiz Barbosa*, 44. [S.l., 20--] Texto sobre Eduardo Luiz Barbosa. Disponível em: <http://www.unodc.org/pdf/1dec_05/Eduardo_pt.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2011.

Nasceu em 15 de abril de 1946, em São Paulo, SP. Filho de um escocês e uma brasileira, ele, corretor de seguros, ela, dona de casa. Edward foi criado na Inglaterra, onde cursou o ensino médio e graduou-se em Psicologia Social pela University of Sussex (1965-1968). Como não se identificou muito com a Psicologia, e tinha um interesse em conhecer melhor o Brasil, decidiu fazer o mestrado em Sociologia da América Latina, na University of Essex (1970-1971) e retornou para o Brasil, onde trabalhou como professor de inglês durante alguns anos. Em 1977 retornou para a universidade para fazer um outro mestrado, pois considerava que o mestrado no Brasil, naquela época, era muito mais que na Inglaterra, na sua opinião, quase um doutorado. Iniciou o mestrado em Antropologia na Unicamp, que na época não tinha doutorado, e conseguiu transferir-se para o doutorado da USP, onde concluiu o curso (1980-1986), sob a orientação de Eunice Durant. Sua pesquisa, publicada sob a forma de livro com o título *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*, em 1990, versava sobre o primeiro grupo do movimento homossexual do país, o grupo Somos, que, para ele, foi uma “escola de militância”.¹³² Edward MacRae participou da reunião com o médico infectologista e professor da USP, Ricardo Veronesi, e compôs o grupo de militantes que foi à audiência com o Secretário de Saúde de São Paulo, João Yunes. Foi um dos fundadores do Gapa-SP, foi professor substituto da Unicamp (1982), professor titular da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1986). Com a conclusão da tese de doutorado, a briga do Somos e passada a fase inicial da epidemia da aids, Edward se afastou do grupo e mais tarde da discussão sobre homossexualidade. Mas seu espírito militante o aproximou de um outro tema que considerava ter um tratamento hipócrita: a questão do uso da maconha. Interessado nessa área, buscou o Instituto de Medicina Social e de Criminologia de

132 Declaração obtida em entrevista concedida à autora.

São Paulo (Imesc), onde existia um grupo de estudos acerca do tema. Foi apresentado ao então superintendente do órgão por uma amiga e terminou conseguindo uma bolsa para realizar um estudo sobre drogas e ficou como diretor desse centro de estudos para prevenção do uso de drogas, entre 1988 e 1989, período em que iniciaram as discussões acerca da questão da aids entre usuários de drogas injetáveis no CRT-SP, e Edward foi indicado como representante do Imesc e participou da formulação da política voltada para esse grupo no estado de São Paulo. Em 1990, seu irmão faleceu vítima da aids. Edward ficou muito desgostoso com o tema da aids, pois, mesmo trabalhando na área, não foi capaz de evitar a contaminação do irmão. Resolveu então se afastar do espaço aids. Mudou-se para Salvador, onde geralmente passava férias, a partir de uma oportunidade de trabalhar no Centro de Estudo e Tratamento do Abuso de Drogas (Cetad). Desde 1995 é professor da Universidade Federal da Bahia e, desde 2003, é colaborador e membro da Câmara Nacional de Assessoramento técnico-científico do Conselho Nacional de Drogas (Conad). É membro do corpo editorial da revista *Cadernos de Campo* (USP), do qual também é revisor, desde 2006, e do *Jornal Brasileiro de Dependências Químicas*, desde 2001 e revisor dos periódicos revista *Habitus* (2007), revista *Saúde e Sociedade* (2008) e *Internacional Journal of Drug Policy* (2008-atual). Tem escrito livros sobre sexualidade, movimentos sociais, o uso socialmente integrado de substâncias psicoativas e redução de danos associados ao uso de drogas. Autor de 12 livros e 37 capítulos de livro. Orientador de mestrado e doutorado.

Referências

- ABBADE, Á. C. da S.; BAIÃO, F. (Org.). *100 nomes que fizeram a história da luta contra a aids no Brasil*. São Paulo: GAPA BR SP, 2010. p. 41.
- BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- MACRAE, E. J. B. das N. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3168537231736605>>. Acesso em: 18 maio 2011.

O baiano Euclides Castilho nasceu em Salvador, em 1941. Coursou o ensino médio no Colégio Central da Bahia, unidade da rede estadual de ensino de Salvador. Filho de um telegrafista e de uma dona de casa de origem portuguesa, oriundo de família de classe média-baixa, fez um teste vocacional e baseado no resultado, optou por cursar medicina, na UFBA (1960-1965). Em seguida fez Residência em Medicina Preventiva (USP Ribeirão Preto) entre 1966 e 1967 e depois foi bolsista da Milbank Foundation na Universidade Valle Cali, na Colômbia (1967-1968). Em 1968, a convite de Guilherme Rodrigues da Silva, seu orientador de doutorado, foi o primeiro docente contratado do Departamento de Medicina Preventiva (DMP) da USP. Doutor em Medicina Preventiva pela USP (1971), entre 1973 e 1975 fez pós-doutorado na Universidade da Califórnia do Norte e tornou-se livre-docente em 1976 (USP). Em 1985 pediu demissão da USP para aceitar o convite de Sérgio Arouca, seu contemporâneo na Medicina Preventiva da instituição – Arouca era interno quando Euclides Castilho fez a Residência –, para criar um centro de formação em saúde na Fiocruz, que hoje é o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT). Na Fiocruz iniciou o contato com a epidemia da aids. Foi convidado por Bernardo Galvão Castro Filho para compor a equipe do Laboratório de Imunologia que, naquele momento, buscava se credenciar como referencia para a OMS e precisava de um epidemiologista. É membro nato da Cnaids desde a sua primeira formulação. Em 1993, foi cedido pela Fiocruz ao MS para atuar no Programa Nacional de DST/Aids. Entre 1996 e 2000, foi coordenador adjunto do Programa. Em 2000, ingressou outra vez na USP, através de concurso público. É professor titular do DMP da USP, pesquisador sênior do CNPq, membro do conselho editorial dos periódicos *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, desde 1985, *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo*,

desde 2002, *Clinics* – São Paulo, desde 2003, *Revista de Saúde Pública*, desde 2008, *Revista Brasileira de Epidemiologia*, desde 2008, *Ciência & Saúde Coletiva*, desde 2007. Recebeu diversos prêmios e homenagens, de instituições ligadas à área da saúde e à luta contra a aids como CDC (EUA), em 1989; APTA-São Paulo, em 2000; Ministério da Saúde, em 2009; Gapa-SP, em 2010; assim como de instituições, como da Federação de Indústrias de São Paulo (FIESP), em 2007, em reconhecimento às suas atividades relacionadas à epidemia da aids. Possui 107 artigos publicados, além de dois livros e 19 capítulos de livro. É orientador de mestrado e doutorado. Entre 2001 e 2002, participou como *chair* do Evaluation Supervisory Panel Five-year Evaluation of Unaid. Em 2006, 2008 e 2010 foi consultor do Fundo Global de Aids, Tuberculose e Malária.

Referências

ABBADE, Á. C. da S.; BAIÃO, F. (Org.). *100 nomes que fizeram a história da luta contra a aids no Brasil*. São Paulo: GAPA BR SP, 2010. p. 47.

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CASTILHO, E. A. de. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3112674950616014>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

Nasceu em Salvador, Bahia, em 24 de outubro de 1943. Sua mãe era bacharel em Direito e trabalhava como consultora jurídica da Câmara. Bisneta, neta e filha de médico, nunca admitiu outra profissão. Mas nunca pensou em médico como clínico, pois o pai era sanitarista e o tinha como exemplo. Graduou-se em Medicina (1963-1968) pela UFBA. Durante toda a graduação trabalhou como oficial judiciário na justiça do trabalho. Em 1968, ainda estudante de medicina, durante o período de internato, foi para a Costa Rica fazer um curso de registros hospitalares, com bolsa da Opas, indicada por Jorge Novis, então diretor da escola de medicina. Quando retornou, formou-se, pediu demissão da justiça do trabalho e, no início de 1969, já estava como funcionária contratada do Hospital Universitário Professor Edgar Santos (Hupes) com a responsabilidade do arquivo médico. Foi responsável pela reestruturação do serviço de arquivo médico do Hupes até 1971. Entre 1971 e 1973, fez o mestrado em Saúde Pública, com concentração em administração de serviços de saúde, na Escola de Saúde Pública da Universidade da Califórnia, EUA. Retornou ao arquivo do Hupes e ministrava a disciplina de Serviços de Saúde e Epidemiologia para o curso de Farmácia. Chegou a assumir a vice-direção do Hupes (1974) e foi coordenadora do mestrado em Saúde Pública. Fez concursos para bolsa do DDA, para ir à Alemanha, solicitou bolsa ao Conselho Britânico e fez um concurso da Opas. Optou pela Opas. Entre 1980-1981, foi para o Programa de Saúde Pública na Costa Rica, o programa de Planejamento Estratégico Centro América Panamá (Pascap), trabalhar como oficial médico de saúde pública em um programa de atenção primária. Quando retornou para o Brasil, foi trabalhar no Ministério da Educação (MEC), no programa de infecção hospitalar, e ficou também como docente da UnB, ministrando aulas de Administração de Serviços de Saúde para os cursos de medicina, enfermagem e odontologia. Toda a trajetória de Fabíola Nunes se deu no

serviço público, transitando entre a universidade e o serviço, mas sempre relacionada à gestão. Esposa do também médico e deputado Carlos Sant'Anna, que, em 1985, assumiu o Ministério da Saúde, Fabíola foi indicada pelo então secretário de saúde do estado de São Paulo, João Yunes, para a Secretaria Nacional de Programas Especiais de Saúde (SNPES), onde estavam os programas de controle de agravos como tuberculose e dermatologia sanitária (DST/Aids, hanseníase, leishmaniose tegumentar) e o programa de doenças crônico-degenerativas (diabetes, hipertensão e câncer). Foi durante a gestão de Fabíola na SNPES que foi criado o Programa Nacional de DST/Aids. Permaneceu na SNPES até 1987. Fabíola foi delegada do Ministério da Saúde na 8ª Conferência Nacional de Saúde. Na Assembleia Nacional Constituinte, acompanhou o processo de elaboração do capítulo referente à saúde por indicação do Núcleo de Estudos em Saúde Pública (Nesp) do Departamento de Saúde Coletiva da UnB. Trabalhou no Hospital da UnB, foi aprovada no concurso da Fundação Hospitalar do Distrito Federal, assumiu a coordenação da equipe distrital de controle de infecções e posteriormente a chefia do serviço de controle de infecções hospitalares do Hospital Regional de Sobradinho (DF). À convite do Ministro da Saúde, Adib Jatene, em 1995, assumiu a coordenação do Conselho Nacional de Saúde. Em 1997, retornou ao Hospital de Sobradinho. Entre 2001 e 2003, assumiu a coordenação da Fundação Oswaldo Cruz em Brasília. Retornou às atividades de médica sanitaria da Fundação Hospitalar do DF, aposentando-se em julho de 2005. Em 2008, foi representante do Ministro no Conselho Nacional de Saúde. Em 2009, retornou à Fiocruz Brasília e em 2010 foi Secretária de Saúde do Distrito Federal.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

Entrevista concedida à professora Ligia Maria Vieira da Silva, em 12 de novembro de 2008, para o Projeto Espaço da Saúde Coletiva.

MACIEL, L. R.; OLIVEIRA, M. L. W. de; GALLO, M. E. N. *Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação, 2010. p. 61-62.

Nasceu em 6 de maio de 1960, em Teresina, Piauí. Filho de um servidor público e uma dona de casa, Gerson estudou em colégios públicos e em colégios jesuítas no Piauí. Seu primeiro vestibular foi para Odontologia, no ano seguinte fez novo vestibular para Medicina. Passou a frequentar os dois cursos, mas achava que não tinha condição técnica de fazer odontologia e optou pela Medicina, na UFPB (1977-1983). Fez Residência em Dermatologia, no Sanatório Aimorés, Bauru-SP (1984), Especialização em Saúde Pública, no Centro Universitário de Brasília (CEUB), Especialização em Epidemiologia pela Fiocruz-RJ (1988). Fez mestrado em Epidemiologia entre 1996 e 1999, na Escola Paulista de Medicina, Unifesp. Após a residência, foi convidado por Aguinaldo Gonçalves, seu professor na Residência, para trabalhar na Divisão Nacional de Dermatologia Sanitária (DNDS), onde permaneceu até 1990 e participou de projetos importantes no combate à hanseníase, como a introdução efetiva da poliquimioterapia para todo o Brasil a partir de 1985 e início do controle da aids. Trabalhou nos primeiros anos do Programa Nacional de DST/Aids. Participou da 8ª Conferência Nacional de Saúde. Era militante do PT, não era filiado ao partido, mas trabalhou no início. Quando o programa foi separado da DNDS, em 1987, optou pelo Programa de Hanseníase, devido à sua formação, só retornando em 2004 ao Programa de DST/Aids. Foi efetivado como servidor do Ministério da Saúde quando exercia o papel de médico da Campanha Nacional de Tuberculose, em 1988. Atuou no Programa Nacional de Controle da Hanseníase entre 1984 e 2003; chefiou a Coordenação Nacional de Dermatologia Sanitária no Centro Nacional de Epidemiologia (Cenepi), da Fundação Nacional de Saúde, em 1994 e 1995, e na Secretaria de Atenção à Saúde, entre 1999 e 2003. Desde 2004 trabalha na área técnica de Epidemiologia do Programa de DST/Aids do Ministério da Saúde.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MACIEL, L. R.; OLIVEIRA, M. L. W. de; GALLO, M. E. N. *Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação, 2010. p. 70-71.

Nasceu em 1959, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Seu pai era vendedor, teve uma empresa e trabalhou com alugueis de imóveis e condomínios. Quando tinha 15 anos de idade, Gerson fazia transcrições dos textos em Braille para ONGs que prestavam assistência a portadores de deficiência visual. Na escola sempre participou de centro de estudantes e era voltado para a militância. Foi do “Partidão”,¹³³ e depois migrou para o PT. Em 1983, iniciou a graduação em Serviço Social na Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos), mas não chegou a concluir o curso. Em 1986, descobriu-se portador do HIV. Era um momento em que ainda não existia tratamento e Gerson refere que “as pessoas morriam como moscas”¹³³ e que aquele foi um momento de grande rebeldia das pessoas infectadas. Após perder seu companheiro vitimado pela aids em 1988, Gerson procurou pessoas interessadas em fundar a primeira ONG/aids do Rio Grande do Sul. Junto com mais algumas pessoas, fundou o Gapa-RS, do qual foi presidente de 1989 a 1992. Tornou-se o primeiro soropositivo a assumir um programa de controle da aids: entre 1993 a 1998, foi Coordenador do Programa de DST/Aids do Município de Porto Alegre, RS. Entre 1998 e 2000, trabalhou com direitos humanos na Assembléia Legislativa do Estado, sendo convidado pelo secretário da Justiça e Segurança, José Paulo Bisol, em 2000, para coordenar o Programa Estadual de Proteção a Testemunhas Ameaçadas (Protege). Quando saiu do cargo, por volta de 2003-2004, resolveu montar o seu próprio negócio e abriu uma padaria. Como sentia falta de alguma coisa para administrar o negócio, resolveu retornar para a faculdade. Em 2006 iniciou a graduação em Administração de Empresas, no Centro Universitário Metodista, RS, que concluiu em 2009. Em 2011, assumiu a Coordenação do Programa Estadual de DST/Aids do Rio Grande do

¹³³ Declaração obtida em entrevista concedida à autora.

Sul, cargo no qual permaneceu por 60 dias. Em seguida retornou para a Coordenação do Programa de Aids do Município de Porto Alegre.

Referências

ABBADE, Á. C. da S.; BAIÃO, F. (Org.). *100 nomes que fizeram a história da luta contra a aids no Brasil*. São Paulo: GAPA BR SP, 2010. p. 55.

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

WINKLER, G. B. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0744896869738072>>. Acesso em: 18 maio 2011.

Nasceu em 27 de outubro de 1965 no Ceará. Oriundo de uma família de agricultores, desde muito cedo se interessou pela área de educação. Gil dava aulas e chegou a trabalhar na rede de ensino municipal. Fez curso de qualificação de professor de primeiro grau, dentro de um plano educacional do governo. Antes de se mudar para São Paulo, já havia se envolvido com a Comissão Pastoral da Terra, fazendo parte do movimento eclesial de base. Em São Paulo, envolveu-se com um grupo de jovens ligados à igreja, onde permaneceu cerca de dois anos, mas terminou se afastando. Formou-se em hotelaria, na Faculdade Hebraico Brasileira Renascença de São Paulo. Quando terminou os estudos, através de um amigo, começou a se envolver, ainda timidamente, com o Grupo de Incentivo à Vida (GIV). Inicialmente trabalhava como garçom em festas e eventos promovidos pelo grupo, depois passou a se envolver em questões mais administrativas. Nesse ínterim, se descobriu soropositivo. Na época trabalhava no comércio na parte administrativa. Quando a direção da empresa em que trabalhava tomou conhecimento da sua soropositividade, foi afastado. Durante cerca de sete anos em que ficou afastado, dedicou-se exclusivamente ao ativismo no GIV. Quando começou ia dois três dias por semana quando saía do trabalho, aos poucos, passou a ir todos os dias. Foi suplente da tesouraria, foi tesoureiro, e chegou a presidente da instituição, permanecendo por três anos. Seu envolvimento maior com a instituição foi entre 1996 e 2004. Foi inclusive membro da Cnaids e das comissões em nível municipal e estadual, enquanto era representante do GIV. No início de 2005, afastou-se do GIV. Considerava que não estava crescendo profissionalmente. Quando surgiu uma seleção para uma vaga na Secretaria de Saúde do Município de São Paulo passou então a trabalhar na articulação com a sociedade civil organizada. Assumiu como técnico e, em seis meses, passou à função de responsável pela área. Permaneceu cerca de cinco

anos, de 2005 ao final de 2009, quando foi para o Ministério da Saúde, também no setor de articulação com a sociedade civil.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

Harley Henriques do Nascimento

Nasceu em 1968, em Campina Grande, Paraíba. Com um ano de idade foi morar em Feira de Santana, Bahia. Filho de um comerciante e uma dona de casa que, com a morte do marido, passou a costurar para fora, chegando, mais tarde, a ter um comércio de roupas. Harley cursou o ensino médio em Feira de Santana. Achava que poderia fazer um curso que o permitisse trabalhar na área de gestão. Foi para a capital do estado, Salvador, cursar Administração de Empresas, na Universidade Católica. Participante do movimento eclesial de base, foi na segunda metade da década de 1980 em que passou a participar mais ativamente do movimento estudantil, momento em que a aids estava bastante presente na mídia. Na sua opinião, a associação entre sexualidade e morte preocupou o grupo de amigos em início da vida sexual. Harley buscou informação sobre a doença na Bahia e não encontrou. De acordo com seu ponto de vista, não havia uma organização não governamental trabalhando com o tema. Havia ações promovidas pelo Grupo Gay da Bahia, mas tendo como alvo a comunidade gay, não existia uma associação que trabalhasse de forma exclusiva e ampla – para toda a sociedade – na área de aids. As ações governamentais ainda eram muito incipientes no estado da Bahia no ano de 1988. Harley tomou conhecimento de que naquele momento já existiam ONGs trabalhando na luta contra a epidemia de aids. Conheceu o Gapa-RJ e o Gapa-SP e resolveu fundar um Gapa em Salvador, junto com um grupo de amigos; todos universitários. Envolvido com o Gapa-BA, do qual se tornou coordenador geral em 1988, Harley adiou a conclusão do curso de Administração, mas considera que sua formação permitiu uma visão profissional de como trabalhar no terceiro setor. Entre 2003 e 2004, concluiu a graduação em Administração de Empresas na Universidade Católica e, em seguida, fez o mestrado (2005-2008) na mesma área, na UFBA. Harley foi assessor do Projeto Previna, do Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde.

Referências

ABBADÉ, Á. C. da S.; BAIÃO, F. (Org.). *100 nomes que fizeram a história da luta contra a aids no Brasil*. São Paulo: GAPABR SP, 2010. p. 61.

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

Nasceu na década de 1960, em Brasília. Seu pai era policial civil e sua mãe dona de casa. Fez faculdade de turismo. Pensava em trabalhar com a cultura dos países, conhecer o seu país. Estava cursando a faculdade e trabalhava em um banco quando foi aprovada em concurso para o Ministério da Saúde. Dois irmãos já trabalhavam no ministério, tendo sido contratados nas campanhas de tuberculose e febre amarela. Ingressou no ministério da Saúde em outubro de 1984. Ficou um tempo na Secretaria Executiva, trabalhava no apoio administrativo, quando foi para o Programa de Aids em 1986, o mesmo que já havia sido estruturado e precisava de uma secretária que falasse inglês. Ieda diz que vestiu a camisa da aids e permanece como Secretária do Departamento Nacional de DST, aids e hepatites virais até os dias atuais. Ieda só se afastou do Programa Nacional na gestão de Eduardo Côrtes, quando voltou para a Secretaria Executiva. Durante todo o período no Programa Nacional, acompanhou e auxiliou nas demandas de Cn aids. Em 2011, Ieda estava cursando Psicologia. Seu objetivo era concluir o curso e fazer trabalho comunitário.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SERVIDOR do mês. *Ministério da Saúde Informa*, Brasília, DF, ed. 5, mar. 2009. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/ascom/edicao_5/funcionario_do_mes.html>. Acesso em: 25 mar. 2012.

Nasceu em 25 de novembro de 1954, em Fortaleza, Ceará. Cursou o ensino médio em São Paulo. Cursou Sociologia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Relata que, desde o ensino médio, participava do movimento estudantil, tendo sido natural escolher uma área de atuação em que as questões sociais estavam sendo debatidas. Fez especialização no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e na Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (Flacso). Iniciou o doutorado na UnB, mas não chegou a concluir, apesar de ter cursado todas as disciplinas, priorizando a atuação no campo burocrático em detrimento da vida acadêmica. A aproximação com a área da saúde se deu por intermédio de diversos agentes importantes da reforma sanitária brasileira, como Sérgio Arouca, Sebastião Loureiro, Jairnilson Paim, Naomar de Almeida Filho, pessoas que estavam pensando a saúde pública e a reforma sanitária e estavam constituindo a Abrasco e o Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes). Compôs a diretoria do Cebes entre 1994 e 1995 (1º suplente da tesouraria). O primeiro contato com a aids ocorreu alguns anos antes de se tornar técnico da área de prevenção do Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, quando foi convidado por Eleutério Rodrigues Neto para participar, junto com Alina Maria A. de Souza, de um artigo sob a perspectiva da saúde internacional, tendo como recorte a aids e a questão da cooperação internacional para um livro da Opas. Antes de ir para a UnB, foi docente da Universidade Federal da Paraíba por cerca de 17 anos, ministrava aulas na disciplina Saúde e Sociedade e integrava um grupo de pesquisa que trabalhava com a questão da saúde pública. Na UnB passou a integrar o Núcleo de Estudos de Saúde Pública (Nesp), lidando principalmente com as questões de análise de políticas públicas. Quando Jamil Haddad assumiu o ministério em outubro de 1992, Ivo Brito trabalhou no desmonte do Inamps. Em 1996, entrou no Programa Nacional de

DST/Aids como técnico da área de prevenção, onde permanece até hoje. Entre 2002 e 2004, trabalhou na África, junto aos governos de Angola e Moçambique nas ações programáticas para a aids. Foi filiado ao PT, atualmente é filiado ao Partido da Causa Operária (PCO).

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

Nasceu em 1949, em Buenos Aires, Argentina. Filho de um contador e uma enfermeira. Graduou-se (1968-1972) e depois fez mestrado em Matemática na Universidade de Buenos Aires. Lutou contra a ditadura argentina no movimento estudantil em 1969. Participou da corrente socialista do movimento peronista. Foi nomeado professor assistente logo que concluiu o mestrado, mas em 1974 – um ano e meio antes da ditadura –, foi demitido por razões políticas da universidade. Solicitou uma bolsa para fazer o doutorado (1976-1981) no Brasil, no Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa). Ingressou no grupo Somos de Afirmação Sexual do Rio de Janeiro. Com o fim do doutorado, mudou-se para São Paulo e passou a frequentar o grupo Somos – SP, até 1983. Em 1981 ingressou como docente do Instituto de Matemática e Estatística da USP (IME). Sua relação com a aids começou em 1986, quando um amigo próximo morreu de aids. Um pouco depois, foi testado, contra a sua vontade, e descobriu-se soropositivo. Jorge Belouqui havia decidido não se testar porque não via sentido em saber o diagnóstico se não havia tratamento. Em 1986, participou da campanha de Herbert Daniel a deputado. Em 1989, conheceu o Pela Vidda, primeiro grupo de pessoas vivendo com HIV/aids, fundado por Herbert Daniel no Rio de Janeiro. Gostou do tom militante do grupo e participou da fundação do Pela Vidda São Paulo, em agosto de 1989. Participou do grupo Pela Vidda até 1995. Em janeiro de 1996, entrou para o Grupo de Incentivo à Vida (GIV). É pesquisador colaborador do Núcleo de Estudos e Prevenção à Aids (Nepaids) da USP. Membro de corpo editorial da *HIV Vaccines Bulletin*, membro do *The Advisory Board* da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia), diretor do Grupo de Incentivo à Vida (GIV), membro da Working Group on Intellectual Property, Working Group on Prevention for PWHIV/AIDS da National STD-AIDS Program, membro de corpo editorial da Cadernos

pela Vidda, membro de corpo editorial da Boletim pela Vidda, revisor de periódicos da revista Panamericana de Salud Pública/Pan American Journal of Public Health e revisor de periódico da revista Brasileira de Epidemiologia.

Referências

ABBADE, Á. C. da S.; BAIÃO, F. (Org.). *100 nomes que fizeram a história da luta contra a aids no Brasil*. São Paulo: GAPA BR SP, 2010. p. 85.

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

BELOQUI, J. A. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011.
Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/259786777721638>>. Acesso em: 18 maio 2011.

BELOQUI, J. Ter HIV na USP: ou o uso do hífen na língua portuguesa. *Revista Adusp*, São Paulo, n. 6, p. 19-22, maio 1996.

Nasceu em 1935, numa família portuguesa que veio para o Brasil no período da guerra. Em São Paulo, seu pai tinha um bar onde trabalhou na adolescência. Estudou no colégio Anglo Latino, um colégio particular. Coursou medicina na USP (1956-1961). Fez especialização em Epidemiologia na mesma instituição (1965-1967), tendo como orientador José Lima Pedreira de Freitas. Entre 1965-1970 fez o doutorado em Medicina, sob a orientação de Astolpho Ferraz de Siqueira, defendendo a tese intitulada Tábuas de vida e capacidade inata de aumento numérico de uma população de *Triatoma infestans* em condições de laboratório. Em 1963, ingressou como docente da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto. Tornou-se livre docente pela USP (1975). Foi coordenador do *campus* da USP de Ribeirão Preto, nos anos de 1980, professor colaborador do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP (1990 a 1992) e professor do Programa de Integração da América Latina (Prolam) da USP – 1995 a 2003. Na Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES/SP) foi diretor do Instituto de Saúde entre 1983 e 1985; e entre 1993 e 1999; e coordenador dos Institutos de Pesquisa nos períodos de 1983 a 1985 e 1999 a 2003. Era diretor do Instituto de Saúde e dos institutos de pesquisa quando da emergência da epidemia da aids no estado de São Paulo, quando foi criado o Programa Estadual de Aids. No Ministério de Saúde foi Assessor do ministro Almeida Machado (1975 a 1976) e consultor e membro de diversos comitês. Na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) foi diretor do Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS), na década de 1980, coordenou o Projeto Inovação em Saúde (2003 a 2009) e recentemente foi vice-presidente de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (2007 a 2009); atualmente participa do Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde (CDTS) e é assessor do presidente da Fiocruz. Assessor da OMS e membro de Comitês Técnicos desde 1999, em especial

do Comitê de Vacinas de HIV/aids (2000 a 2001) e do Comitê de Registro de Ensaio Clínicos (2006 a 2008). Membro da Associação Brasileira de Pós Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco), foi o presidente (2006 a 2009) e, até março de 2007, editor científico da *Revista Brasileira de Epidemiologia*. E também foi membro do Cebes.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CARVALHEIRO, J. da R. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/1818832385881541>>. Acesso em: 11 maio 2011.

Nasceu em 6 de maio de 1946, em São Paulo capital. Filho de um comerciante atacadista do ramo da papelaria, que depois se tornou fazendeiro e de uma escritora de livros infantis. Coursou o ensino médio em um seminário na Escola Apostólica de São Domingos. Durante sua infância e adolescência queria ser padre da igreja católica. Foi seminarista em Juiz de Fora, Minas Gerais, da Ordem dos Dominicanos que tinha um posicionamento mais de esquerda, criticando a ditadura, inclusive participando do ocultamento do guerrilheiro Carlos Marighela. Aos 17 anos desistiu do sacerdócio e tornou-se “um ateu militante, marxista e sempre preocupado com as causas populares, humanistas”.¹³⁴ Graduou-se em Ciências Sociais na USP (1965-1968). Fez mestrado em Antropologia na Universidade Paris V (Sorbonne), entre 1969-1971, com o título: *La structure de production de Brejo Grande, Sergipe, Brésil*, sob a orientação de Jean Guiart. Entre 1972-1975, fez o doutorado em Antropologia Econômica na Unicamp, defendendo a tese *A feira do Brejo Grande, Sergipe*, tendo como orientadora Verena Martine Zalier. Foi docente da Unicamp (1972-1978). Em 1979, divorciou-se e assumiu publicamente a sua homossexualidade. Como Campinas lhe parecia uma cidade muito provinciana, resolveu vir morar na Bahia, que para Mott representava o “oásis da liberdade”.¹³⁴ Veio como professor visitante do Departamento de Antropologia da UFBA, pensando em largar a universidade, mas com a possibilidade de se estabelecer no quadro permanente, estabeleceu-se como professor. Numa tarde, estava assistindo o pôr do sol no Farol da Barra com seu companheiro quando sofreu um ato de violência homofóbica. Resolveu escrever uma carta para o jornal *Lampião da esquina* convocando os gays da Bahia a escreverem para ele para formarem um grupo gay. Junto com cerca de 17 gays, entre

¹³⁴ Declaração obtida em entrevista concedida à autora.

advogados, jornalistas, professores, estudantes, fundou o Grupo Gay da Bahia (GGB) em fevereiro de 1980. O GGB tornou-se um dos pioneiros de importantes conquistas para a cidadania homossexual e na luta contra a aids, fundando grupos, produzindo e publicando inúmeros folhetos, cartazes, fazendo campanhas, participando da Comissão Nacional de Aids e fundando o grupo Vida Feliz de portadores de HIV/aids e o Centro Baiano Anti-Aids (CBAA). Mott destaca que o trabalho de prevenção à aids do GGB nunca se limitou à população homossexual, tendo importante trabalho na prevenção junto a terreiros de candomblé de Salvador, bem como publicou a primeira cartilha em braile para prevenção de deficientes visuais. Em 1999, fez concurso para professor titular da UFBA. Bolsista de produtividade 1A do CNPq, tem como linha de pesquisa a Etno-história da sexualidade no Brasil colonial e na atualidade, 64 artigos, 29 livros e 35 capítulos de livros publicados, diversos deles sobre homossexualidade e aids. Orientador de mestrado e doutorado.

Referências

ABBADE, Á. C. da S.; BAIÃO, F. (Org.). *100 nomes que fizeram a história da luta contra a aids no Brasil*. São Paulo: GAPA BR SP, 2010. p. 105.

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MOTT, L. R. de B. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2010.

Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3331234730616226>>. Acesso em: 15 mar. 2011.

Filho de uma família baiana, Manoel nasceu e se criou em Brasília. Quando tinha 16 anos, era estagiário do gabinete da Secretaria Nacional de Programas Especiais de Saúde e foi para o Programa Nacional de DST/Aids a convite de Lair Guerra. Seu pai trabalhava com madeiras e sua mãe era dona de casa. Manoel estudou em escola pública em Brasília e nunca se envolveu no movimento estudantil porque “não tinha tempo, trabalhava”.¹³⁵ Chegou ao programa quando este já tinha saído da DNDS, por volta de 1987. Em 1988, tornou-se quadro efetivo do Ministério da Saúde, através da realização de concurso público. Sempre trabalhou no Programa de DST/Aids. Afastou-se apenas por um período de cinco meses por volta de 2005 para ser assessor do ministro, mas terminou voltando. Não saiu nem no período em que Eduardo Côrtes foi coordenador, como a maioria dos técnicos. Era responsável pela reprografia e pela entrega de documentos. Manoel graduou-se em contabilidade pela UnB, fez especialização em planejamento e gestão e trabalha atualmente no setor de planejamento, é o ordenador de despesas do Departamento. Em 2011 pretendia fazer mestrado em avaliação na Fiocruz.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

¹³⁵ Declaração obtida em entrevista concedida à autora.

Nasceu em 1968 em Salvador, Bahia. Filha de um representante de laboratório farmacêutico, sua mãe era dona de casa. Quando tinha oito anos, seu pai foi transferido para o município de Feira de Santana, onde cursou o ensino médio no colégio Padre Ovídio, da rede particular. Quando criança, sempre quis ser advogada. Fez vestibular com 16 anos, foi aprovada para o curso de Direito na UFBA. Desistiu do curso no final do primeiro ano e fez novo vestibular para Psicologia e migrou para aquele curso em 1985. Formou-se em 1991. Conheceu Harley Henriques do Nascimento em Feira de Santana, quando tinha 11 anos e ficaram amigos. Fez estágio no Detran, na área de recursos humanos, durante a faculdade, o que permitia a sua manutenção em Salvador. Fez estágio em vários locais nessa área. Fundou o Gapa-BA junto com Harley e outros amigos. Achava que era necessário fazer alguma coisa frente àquela epidemia. Nunca se envolveu em movimento estudantil ou com partidos políticos, apenas com o Gapa. Gosta do PT, e sempre votou no PT, mas nunca quis fazer parte do quadro. Fez mestrado (2004-2006) e iniciou o doutorado (2008) em Saúde Pública no ISC-UFBA. O tema da dissertação de mestrado foi *Representações da sexualidade do adolescente por profissionais de saúde em unidades básicas* e resultou de um trabalho desenvolvido por Márcia com adolescentes no Gapa, o objetivo era entender quais eram as representações sobre sexualidade de profissionais de saúde em uma unidade de atenção básica. O tema do doutorado foi o corpo e cirurgias plásticas femininas, que tinha vinculações com a sexualidade. Refere que a aids já é muito absorvente e que trabalhar outros temas foi uma forma de dialogar com outras áreas. Sua trajetória profissional se dá ao interior do espaço militante, no Gapa.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MARINHO, M. C. G. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011.

Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/6935010706384693>>. Acesso em: 18 maio 2011.

Natural de Valença, Bahia, filha de um eletrotécnico e uma professora de português, Márcia Sampaio estudou no Colégio Maristas, em Salvador. Desde os seis anos de idade dizia que queria ser médica e nunca desistiu. Cursou Medicina na UFBA (1984-1989). Sempre quis trabalhar com doenças crônico-degenerativas. Queria ser cardiologista. Foi aluna de Naomar Almeida Filho na disciplina de Epidemiologia e começou a trabalhar numa pesquisa com ele, mas Márcia não tinha coragem de fazer Saúde Pública ou Medicina Preventiva porque ela achava que deixaria de ser médica. Assim, a área de doenças infecciosas surgiu como estratégia para juntar as duas áreas que gostava de atuar: a clínica e a epidemiologia. Fez Residência em Infectologia no Hospital Espanhol (1990-1992), onde trabalhou com o grupo chefiado pelo infectologista Roberto Badaró, que conduzia estudos de aids na Bahia em parceria com a Universidade de Cornell. Quando concluiu a Residência, em 1992, fez concurso para a Secretaria de Saúde do Estado da Bahia e foi trabalhar na enfermagem de aids no Hospital Roberto Santos, onde permaneceu até 1997, quando foi para o Programa Estadual de DST/Aids atuar como técnica responsável pela vigilância epidemiológica das DST/Aids. Em 1995, fez um treinamento em São Francisco, EUA, na Universidade da Califórnia em prevenção de HIV/aids. No período de 1999 a 2004, foi coordenadora do Programa Estadual de DST/Aids. Foi exonerada do cargo e desligada do Programa de DST/Aids, sendo transferida para a coordenação de Vigilância Epidemiológica Hospitalar. Fez mestrado em Medicina e Saúde (2001-2003) na UFBA, defendendo a dissertação “Programa de prevenção da Infecção pelo HIV sobre o comportamento sexual de homossexuais masculinos em Salvador, Bahia”, orientada por Carlos Brites e entre 2003 e 2007, fez o doutorado no mesmo programa, defendendo a tese *100% adesão: oficinas educativas versus sessões de vídeo para promover a adesão à terapia antirretroviral em pacientes com aids sem tratamento prévio em Salvador, Bahia*.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SÁ, M. L. S. e S. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011.

Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8472808968977223>>. Acesso em: 24 maio 2011.

Maria Inês Dourado é natural de Salvador, Bahia. Concluiu o ensino médio em 1975, no Colégio Maristas, tradicional colégio da rede privada de Salvador. Filha de um médico obstetra, professor universitário na área de ginecologia e uma enfermeira. No seu colégio, só era considerado inteligente quem cursava Medicina, Direito e Administração. Mas não houve pressão em casa para a escolha da profissão. Cursou medicina da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública entre 1976 e 1981. Em setembro de 1981 foi selecionada para a residência de Medicina Social, mas abandonou o curso com apenas dois meses para acompanhar o marido que tinha recebido uma bolsa para estudar nos EUA. Fez o mestrado em Saúde Pública na Universidade de Massachussetts, Amherst, EUA (1982-1984). No retorno para o Brasil, ingressou como médica na Secretaria de Saúde do estado da Bahia, permanecendo como técnica do Centro de Informação em Saúde, onde permaneceu de 1984 a 1989, e como médica pesquisadora na UFBA, passando a docente do Instituto de Saúde Coletiva, em 1997. Sua aproximação com a aids se deu a partir do doutorado realizado na Universidade da Califórnia entre 1989-1994, sob orientação de Roger Detels, que coordenava naquele momento um grande projeto de coorte em aids, chamado Multicenter Aids Cohort Study, que começou em 1984. A ideia era trabalhar num projeto sobre urbanização e esquistossomose, mas como não havia orientador, foi com os dados desse estudo de coorte que Inês fez a tese de doutorado. Atua nas seguintes linhas de pesquisa: epidemiologia do HIV, avaliação do impacto de intervenções, doenças imunopreveníveis, epidemiologia de retrovírus, epidemiologia de doenças infecciosas, HIV/aids, avaliação de tecnologia em saúde. Possui 64 artigos publicados e quatro capítulos de livro, vários relacionados à HIV/aids. É pesquisadora 1C do CNPq, orientadora de mestrado e doutorado.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

DOURADO, M. I. C. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011.
Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7845852622901449>>. Acesso em: 18 maio 2011.

Nasceu em 21 de abril de 1950, em Mucurici, Espírito Santo. Até os sete anos foi criada e alfabetizada na fazenda de sua família. Em 1968 foi para Vitória, finalizar os últimos anos do ensino médio nos colégios São Vicente de Paulo e o Salesiano. Em 1970 ingressou na Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (Emescam) e, desde a graduação, manifestou interesse pela dermatologia. Em 1975, após uma tragédia pessoal, foi para o Rio de Janeiro terminar o último ano de graduação na UERJ, período em que foi bolsista de iniciação científica do CNPq no Instituto de Leprologia (IL). Nesse momento, a DNDS localizava-se no mesmo espaço do Instituto. Presenciou a transferência do IL para a Fiocruz, e da DNDS para Brasília. Após a especialização em Dermatologia (1976-1977) na UERJ, foi aprovada no concurso do Inamps como Médica Dermatologista, no município de Duque de Caxias, estado do Rio de Janeiro, onde iniciou seu trabalho com a Saúde Pública em hanseníase. Naquele período, participou do Grupo Popular de Saúde e fundou o primeiro Núcleo do Movimento de Reintegração das Pessoas atingidas pela Hanseníase (Morhan) do Rio de Janeiro. Em 1979 entrou para a UFRJ como auxiliar de ensino. Em 1984, a convite de Zulmira Hartz, foi trabalhar na Gerência Estadual de Dermatologia Sanitária da Secretaria de Saúde do estado do Rio de Janeiro, com os programas de hanseníase e aids. Em 1986, a convite de Fabíola de Aguiar Nunes, Secretária Nacional de Programas Especiais de Saúde, foi para a Divisão Nacional de Dermatologia Sanitária, onde acompanhou o Programa de Aids. Com o governo de Fernando Collor de Melo retornou à UFRJ. Fez mestrado em dermatologia na UFF (1990-1991) e doutorado também em dermatologia na UFRJ (1992-1996). Retornou à Coordenação Nacional de Dermatologia Sanitária entre 1996 e 1998. Coordenou o Departamento de Hanseníase da Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD) entre 2005-2006, quando

iniciou a estratégia de campanhas municipais de hanseníase em vários estados. Foi novamente para o Ministério da Saúde em 2007-2008.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MACIEL, L. R.; OLIVEIRA, M. L. W. de; GALLO, M. E. N. *Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação, 2010. p. 101-102.

OLIVEIRA, M. L. W. R. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2012. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8581392578360492>>. Acesso em: 4 dez. 2012.

OLIVEIRA, M. L. W. R. Participação em quatro décadas da política de controle da hanseníase no Brasil: acasos e determinação. *Hansenologia Internationalis*, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 45-50, 2008. Suplemento 1.

Nasceu em Santa Maria, São Paulo. Filho de um comerciante e uma professora, cursou o ensino médio no colégio Luiz Queiroz, um colégio particular da cidade de Piracicaba, São Paulo. Queria fazer jornalismo. Entrou na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e chegou a cursar um semestre. Como desejava fazer política através da profissão, resolveu cursar Ciências Sociais na UNESP (1984-1987), em Araraquara. Fez mestrado em Ciências Sociais - Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), entre 1988 e 1993, com a dissertação *A Epidemia Clandestina: AIDS e Usuários de Drogas Injetáveis em São Paulo*, um dos primeiros estudos sobre AIDS entre usuários de drogas injetáveis. Foi professor de várias faculdades e universidades, como: Instituto de Ciências Aplicadas (ISCA) (1988-1989), Faculdades Teresa Martin-SP (1990-1992), Universidade Estadual de Londrina (UEL) (1992-1994), Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP-SP) (1996-2000), Universidade Castelo Branco-SP (1996-1997), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (1998-2000), Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP) (2001-2002), Universidade de Salvador (UNIFACS) (2002) e desde 2002 é docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Fez doutorado em Ciências Sociais - Antropologia (2002-2007), na Universidade Federal da Bahia (UFBA), com a tese denominada *Coca light? Usos do corpo, rituais de consumo e carreiras de usuários de cocaína em São Paulo*. Fez estágio de pós-doutorado (2009-2010) na Universidade de Columbia, Nova Iorque, EUA.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

FERNANDEZ, O. F. R. L. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011.
Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3890948700156466>>. Acesso em: 18
maio 2011.

Nasceu em Álvares Machado, São Paulo. Filho de um contador (nível médio) e de uma dona de casa. Seu avô paterno era fazendeiro, mas faliu antes do casamento de seus pais. O materno era empregado rural. A família era de formação católica, embora seus pais não frequentassem a igreja, ele frequentava por conta de atividades escolares e da comunidade. Cursou o ensino médio na cidade de Dourados e o último ano na capital, São Paulo. Fez Medicina na UNESP-Botucatu entre 1968-1973, uma escola relativamente nova, organizada com uma participação grande de docentes egressos da USP, que participavam do movimento de reforma universitária. O curso foi criado tendo como referência os princípios de organização da Universidade de Brasília, com uma ênfase grande em Medicina Preventiva. A escolha da medicina estava relacionada à imagem de médico herói dos romances, o médico que vai para lugares distantes salvar vidas. Fez Residência em Dermatologia (1974-1977) em convênio entre a Escola Paulista de Medicina e a Fundação Centro Nacional do Trabalho (Fundacentro). Participou do movimento estudantil durante a adolescência e a faculdade, foi preso por duas vezes por questões políticas: em 1968, quando era secretário geral do diretório acadêmico, ficou 30 dias no Dops; e no período de desarticulação da AP, da qual participou até 1974, foi sequestrado e ficou oito dias no DOI-CODI. Participou do movimento geral em torno do MDB e da anistia, em 1976, e se envolveu também no apoio ao movimento sindicalista do ABC. Fez parte do grupo que criou o PT, já na área da saúde, influenciado pelo movimento sanitário. Participou do grupo Somos de afirmação homossexual até 1979. O serviço de dermatoses profissionais em que ficava um dos turnos da Residência era financiado e dirigido pela Fundacentro, que era dirigida por militares. Com a prisão em 1974, foi desligado desse serviço, passando a se concentrar, a partir daquele momento, na dermatologia geral. Em 1978 foi aprovado

em concurso público para a SES-SP, sendo designado para a Divisão de Hansenologia e Dermatologia Sanitária (DHDS), da qual se tornou diretor. Em 1983, coordenou a criação do Programa Estadual de Aids de São Paulo, sendo seu coordenador nos períodos de 1983-1987, 1990-1991, 1995-1996. Foi consultor da Opas (1994), Consultor técnico do Programa de Aids na ONU – Unids, para América Central e Cone Sul (1996-1999). Entre 2000 e 2003 assumiu a coordenação do Programa Nacional de DST/Aids. Na sua gestão foi proposta a “quebra de patentes” e o programa foi agraciado com o Prêmio Bill e Melinda Gates, considerado a ação de saúde pública mais relevante de 2002. Quando saiu do Programa Nacional foi diretor do Programa de Aids da OMS (2003-2004). Se define como um profissional de saúde pública, com área de concentração em aids e diz que fica tão aflito hoje quanto a vinte anos atrás, mas se sente satisfeito com o trabalho que fez e com a perspectiva de continuar.

Referências:

ABBADE, Á. C. da S.; BAIÃO, F. (Org.). *100 nomes que fizeram a história da luta contra a aids no Brasil*. São Paulo: GAPA BR SP, 2010. p. 143.

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

FRANÇA, M. S. J. *Ciência em tempos de aids: uma análise da resposta pioneira de São Paulo à epidemia*. 2008. 195 f. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 115-125.

Nasceu em 1951 em Mucugê, Bahia. Filho de um comerciante e uma dona de casa, seus avós paternos vieram da Síria e os maternos tinham origem libanesa. Pedro cursou o ensino médio no Rio de Janeiro e ingressou na faculdade de Medicina da UFRJ em 1972. Diz que decidiu fazer Medicina por sugestão da irmã. Durante a faculdade se filiou ao MDB e participava do Partido Comunista. Fazia parte da ala pró-moscou. Participava de treinamentos, reuniões, simulações. Em 1978 ingressou como médico da Fundação Serviços Especiais de Saúde Pública (FSESP), que considerava uma grande escola de Saúde Pública. Chefiava o programa de doenças transmissíveis da FSESP, em 1986, no Rio de Janeiro. O ministério havia delegado ao SESP a função de normalizar notificação, consolidação de dados relativas às doenças transmissíveis no nível nacional, de modo que havia uma boa interação com a SNABS e a SNPES no Ministério da Saúde. A FSESP colaborou para a interiorização do Programa Nacional de DST/Aids, através do treinamento de suas unidades. Fez especialização em Saúde Pública (USP) e Dermatologia Sanitária (ENSP). Em 1987, Pedro Chequer passou a integrar o PN DST/Aids, permanecendo até 1990, no governo Collor, quando retornou para a FSESP em Brasília. Entre 1991 e 1993, assumiu a Direção do Cenepi. Em 1993, retornou para o Programa Nacional de DST/Aids, assumindo a chefia do serviço de epidemiologia, e posteriormente, tornou-se coordenador substituto. Com o acidente sofrido por Lair Guerra, assumiu a direção do PN, entre 1996 e 2000, quando se tornou representante do Unids no Cone Sul, entre 2002 e 2004 foi representante do Unids na Rússia. No período de 2004 a 2006 foi mais uma vez diretor do PN. Desde 2006 é representante do Unids no Brasil.

Referências

ABBADE, Á. C. da S.; BAIÃO, F. (Org.). *100 nomes que fizeram a história da luta contra a aids no Brasil*. São Paulo: GAPA BR SP, 2010. p. 149.

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

Nasceu em 1972, em Brasília. Filho de médico pediatra e de uma pedagoga, cursou o ensino médio em Brasília. É tecnólogo em Processamento de dados, com especialização em informação e informática em Saúde. Sua relação com a aids iniciou-se quando entrou no Programa Nacional de DST/Aids em 1993, através de um processo seletivo para secretário e fez sua trajetória profissional dentro do Programa Nacional. Um pouco antes de se formar foi para a área de tecnologia da informação. Trabalhou em quase todas as áreas do setor, assistência técnica, programador, analista de rede. Em seguida foi para a área de planejamento, onde permaneceu por cerca de dois anos e meio, três anos. Retornou para área de tecnologia da informação (TI) e atualmente está na coordenação geral, que abrange orçamento, governança de TI, administração, logística. Atualmente também é consultor no Unids.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

Nasceu em 1954, em São Paulo. Filha de um administrador de empresas de uma multinacional, e de uma professora, Silvia cursou o ensino médico em escola particular. Em 1973 iniciou a graduação em Psicologia na PUC-RJ, concluída em 1978. Em seguida fez o mestrado (1979-1982) em Psicologia Clínica na mesma instituição, com o trabalho “A psicologia sobe o morro: psicólogos trabalhando em favelas no Rio de Janeiro”, sob a orientação de Ana Maria Ribeiro Coutinho. Estava cursando o doutorado em Ciência Política no Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ) quando recebeu a proposta de Betinho para colocar em pé uma instituição de luta contra a aids. Naquela época, ainda não tinha um nome definido. A ideia era fundar uma fundação que seria uma sucursal da International Interdisciplinary Aids Foundation (IIAF). Devido às dificuldades impostas pela legislação brasileira, resolveram criar uma associação, a Abia. Silvia ficou responsável pela formalização da instituição, através de um contrato de risco com Betinho: a mesma seria remunerada a partir do primeiro financiamento. Silvia tornou-se um quadro intermediário da associação, foi diretora executiva, de modo que fez uma trajetória profissional ao interior do subespaço militante, permanecendo na associação entre 1986 e 1990. Saiu porque achava que havia cumprido um ciclo, mas também devido a uma briga com outros membros da Abia. Foi coordenadora do convênio Fiocruz-Faperj na Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) entre 1994 e 2000. Entre 1999 e 2000, foi subsecretária adjunta de Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro. Desde 2000 é pesquisadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes. Fez doutorado em Saúde Pública (2004-2007) na ENSP-Fiocruz, defendendo a tese *Respostas brasileiras à violência no campo da segurança pública - os movimentos sociais e as organizações não governamentais sob a orientação*

de Maria Cecília Minayo. Tem 22 artigos publicados, 11 livros publicados ou editados, 18 capítulos de livros, principalmente relacionadas ao tema violência urbana e segurança.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SOUZA, S. R. de. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011.

Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0112749042532967>>. Acesso em: 8 jun. 2011.

Natural da cidade do Rio de Janeiro, filha de um contador e uma professora primária, cursou o ensino médio no Colégio Aplicação da UERJ, era um curso profissionalizante. Entre as possibilidades que tinha, resolveu fazer análises clínicas. Foi durante o curso que se decidiu pela medicina, sob a influência de um professor cujo grande sonho era ter sido médico e que convidava seus ex-alunos médicos para dar aulas, de modo que Valdiléa foi se encantando pela medicina. Fez a graduação em medicina na UERJ (1980-1985). No segundo ano da faculdade, em 1981, gostou da disciplina de Parasitologia e permaneceu como monitora, quando começou a se envolver com pesquisa. O coordenador da Parasitologia era Homero Salazar, mas Valdiléa trabalhava principalmente com Nilceia Freire, José Roberto Machado e Hércules de Moura. Foi a partir dessa experiência que resolveu seguir a infectologia. Fez Residência médica em Doenças Infecciosas e Parasitárias no Instituto de Infectologia Emílio Ribas (1986-1988). Quando decidiu seguir infectologia, não queria trabalhar com doenças crônicas, queria trabalhar com doenças curáveis, diz que, com a aids, caiu no oposto. Fez mestrado em Doenças Infecciosas e Parasitárias (1992-1995) na UFRJ, e Doutorado (2000-2008) em Saúde Pública na ENSP-Fiocruz, em ambos os cursos os trabalhos de conclusão estavam relacionados a HIV/aids. No mestrado trabalhou com tuberculose em pacientes HIV positivos e no doutorado com a prevenção da transmissão vertical. De 1989 a 1993, foi médica do serviço de DIP da UFRJ. Desde 1989 é pesquisadora da Fiocruz. Desde 1996 é membro do Comitê técnico assessor para terapia antirretroviral em adultos do Ministério da Saúde. Entre 1996 e 2000, participou também do Comitê técnico assessor para terapia antirretroviral em crianças. De 1997 a 2000 foi chefe da Unidade de Assistência do PN DST/Aids. Entre 2000 e 2003 foi Coordenadora do Programa Estadual de DST/Aids do Rio de Janeiro. Em 2006 assumiu a

direção do Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas (IPEC/Fiocruz). É consultora do Ministério da Saúde. Tem 48 artigos publicados e três capítulos de livro.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SANTOS, V. G. V. dos. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/6266684004174408>>. Acesso em: 17 maio 2011.

Nasceu em 1º de dezembro de 1947. O pai era funcionário da limpeza do Banco de Brasil e vendia materiais de encanamento. A mãe era dona de casa. Cursou o ensino médio em sistema de internato, no Colégio Koelle, em Rio Claro. Cursou Medicina na Escola Paulista de Medicina, entre 1968 e 1973. Em 1976, obteve o título de especialista em Dermatologia pela Sociedade Brasileira de Dermatologia. Fez mestrado em microbiologia e imunologia (1980-1981) e doutorado (1981-1982) em Dermatologia na mesma instituição. É livre-docente pela Unifesp (1992) e professora titular da Unifesp desde 1996. Identificou os primeiros casos de aids no país. Fez parte do grupo que participou da reunião com o Secretário de Saúde do estado de São Paulo, João Yunes, que demandou a atuação do Estado frente à epidemia de aids. Foi representante do Ministério da Saúde no primeiro *meeting* de aids, na OPAS, em Washington (EUA). Sua participação política sempre foi de bastidores, fazendo cartazes, escrevendo textos, por implicância do marido que não deixava que participasse mais ativamente. Desde 1975, é docente da Unifesp. Afastou-se da área de aids e hoje dedica-se à dermatologia. Realiza pesquisa clínico-dermatológica vinculada às áreas de Bioquímica, Farmacologia e Biofísica. É orientadora de mestrado e doutorado.

Referências:

ABBADE, Á. C. da S.; BAIÃO, F. (Org.). *100 nomes que fizeram a história da luta contra a aids no Brasil*. São Paulo: GAPA BR SP, 2010. p. 187.

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

PETRI, V. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8894929595866495>>. Acesso em: 17 maio 2011.

Vera é filha de Rubens Paiva, engenheiro civil e político desaparecido durante o regime militar. Sempre estudou em colégio de freiras. Vera queria mudar o mundo. Pensou em fazer diversos cursos: Ciências Sociais, Antropologia, História. Não queria medicina, pois achava que não aguentaria o curso e nem estava disposta aos sacrifícios para entrar em um curso de medicina de uma universidade pública, nem poderia pagar, visto a difícil situação da família, com seu pai desaparecido e sua mãe tendo que sustentar a casa e os cinco filhos. Para cursar a universidade tinha que ser em uma universidade pública e tinha que ser rápido. Decidiu fazer Psicologia. Fez a graduação na USP (1973-1977). Vera lutou contra a ditadura, era militante estudantil, foi fundadora do movimento brasileiro pela anistia. Participou ativamente de uma ONG feminista no início da década de 1970. Fundou o primeiro DCE no Brasil. Participou da reconstrução da União Nacional dos Estudantes em 1979. Participou do movimento da reforma sanitária brasileira, mais relacionada à luta pela reforma antimanicomial. Passou a trabalhar como terapeuta. Fez especialização em Saúde Mental pela Faculdade de Saúde Pública da USP (1980) e mestrado em Psicologia Social (1983-1984). Vera era psicóloga, *hippie*, morava em comunidade e tinha vários amigos gays, que começaram a morrer. Começou a atender pessoas vivendo com HIV/aids e que tratavam pessoas vivendo com HIV/aids, em 1984. Desde 1988 é docente do Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP. Coordena estudos que abordam as relações de gênero, as sexualidades e a dimensão psicossocial de tecnologias para promoção da saúde, com foco na prevenção primária e secundária ao HIV e da aids. Fundou e é coordenadora do Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids (Nepaids-USP), grupo interdisciplinar que congrega professores de diversos departamentos da USP, de outras universidades e instituições públicas de pesquisa, alunos de graduação e pós graduação.

Em 1991, coordenou o primeiro congresso da repercussão psicossocial da aids no Brasil na USP (Impacto psicossocial da epidemia da AIDS). Tem 59 artigos, quatro livros e 25 capítulos de livro publicados, além de diversos textos em jornais e trabalhos apresentados em congressos. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1C.

Referências

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

PAIVA, V. S. F. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8100923258337993>>. Acesso em: 9 jun. 2011.

Nasceu em Teresina, no Piauí, em 1961. Filho de militar, muito cedo saiu de Teresina e foi morar no Rio de Janeiro. De lá foi para o Rio Grande do Sul, onde morou em uma cidade pequena, perto da fronteira do país e sua vida foi praticamente dentro do quartel, morando em vila militar. Retornou na pré-adolescência para o Rio de Janeiro, de onde não saiu mais. Kursou o ensino médio no Colégio Militar no Rio de Janeiro. Em 1980, ingressou no curso de Psicologia da UERJ (1980-1985). Veriano era militante do movimento homossexual pela afirmação e liberação sexual, atuando no grupo Somos e Auê, no Rio de Janeiro. Com o início da epidemia da aids, vários amigos começaram a ficar doentes. Em 1984, um de seus amigos se contaminou e foi a óbito em 1986. Vários outros depois seguiram a mesma trajetória. Fez mestrado em Psicologia Clínica (1986-1989), na PUC-RJ, com uma dissertação sobre homossexualidade. Sua aproximação com a Abia começou através de Carmita, que estava fazendo um estudo sobre homossexualidade e aids e sabia que Veriano tinha muitos relatos etnográficos. Quando chegou na Abia, Herbert Daniel estava fundando o grupo Pela Vidda, um grupo de pessoas soropositivas, não exclusivamente, e Veriano se aproximou. Em maio de 1989 iniciou como funcionário da Abia, onde continua atuando e desde 2001 é coordenador geral. Coordenou diversos projetos na Abia. Fez doutorado em Saúde Coletiva na UERJ (1993-1997), abordando a homossexualidade e a aids, sob a orientação de Richard Parker. Entre 2002 e 2004 foi professor visitante na UFRGS.

Referências

ABBADÉ, Á. C. da S.; BAIÃO, F. (Org.). *100 nomes que fizeram a história da luta contra a aids no Brasil*. São Paulo: GAPA BR SP, 2010. p. 189.

BARROS, S. G. de. *A política nacional de luta contra a aids e o espaço aids no Brasil*. 2013. 274 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

TERTO JUNIOR, V. de S. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9164291927172325>>. Acesso em: 9 jun. 2011.